



Mário Freitas*

Conversas pandémicas, à volta da COVID-19 (I)

“A 30.01.2020, apenas 25 dias depois, a COVID-19 foi declarada Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e a 11 de março de 2020 foi considerada uma pandemia. A 23.04.2020 já morreram mais de 183 mil pessoas”.

O surto do novo coronavírus SARS-CoV-2 terá começado a 17.11.2019, com 1 caso confirmado do novo coronavírus, de acordo com relatórios de 13 de março do governo chinês.

Um artigo de 21.01.2020, publicado no “China CDC Weekly” [<http://weekly.chinacdc.cn/en/article/id/a3907201-f64f-4154-a19e-4253b453d10c>] e um outro a 24.01.2020, no “The Lancet” [[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30183-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30183-5/fulltext)] permitem-nos saber um pouco sobre os alvares desta pandemia.

Em 31.12.2019, o Escritório da Organização Mundial de Saúde (OMS) na China foi informado sobre casos de pneumonia de causa desconhecida detectada em Wuhan, província de Hubei, China. Em 3.01.2020 44 pacientes com pneumonia de etiologia desconhecida foram notificados à OMS. Dos 44 casos, 11 estavam gravemente doentes, e 33 em condição estável. O agente causal ainda não fora identificado ou confirmado.

Em 1 de janeiro de 2020, a OMS solicitou mais informações às autoridades chinesas, para avaliar o risco.

As autoridades chinesas disseram que todos os pacientes estariam isolados, e a receberem tratamento, nas instituições médicas de Wuhan. O quadro clínico seria principalmente febre, com alguns pacientes com dificuldade em respirar e radiografias de tórax mos-

trando lesões invasivas de ambos os pulmões.

Alguns pacientes eram revendedores no mercado de Produtos do Mar. As informações preliminares da equipe de investigação chinesa dizia que não havia nenhuma evidência de transmissão de humano para humano e não havia qualquer infecção em profissionais de saúde [05.01.2020, disponível em <https://www.who.int/csr/don/05-january-2020-pneumonia-of-unknown-cause-china/en/>].

As autoridades chinesas informaram ter adoptado as seguintes medidas:

- 121 contactos próximos estariam sob observação médica;

- O acompanhamento de contactos próximos, a higienização ambiental e a identificação e o rastreamento da causa estaria a ser feito;

- A Comissão Municipal de Saúde de Wuhan realizara uma busca activa de casos, e investigações retrospectivas estavam concluídas;

Perante isto, a 5 de janeiro a OMS fazia a seguinte avaliação de risco:

«As informações são limitadas, para determinar o risco geral desta pneumonia de etiologia desconhecida. O link relatado para um mercado de peixes e animais vivos pode indicar um link de exposição aos animais. Os sintomas relatados entre os pacientes são comuns a várias doenças respiratórias, e a pneumonia é comum

no inverno; no entanto, a ocorrência de 44 casos de pneumonia que require hospitalização, agrupados no espaço e no tempo, deve ser tratada com prudência.»

A cidade de Wuhan, com 19 milhões de habitantes, é a capital da província de Hubei, esta com 58 milhões. O conselho da OMS, à data, foi:

«Com base nas informações fornecidas pelas autoridades nacionais, as recomendações da OMS sobre medidas de saúde pública e vigilância de influenza e infecções respiratórias agudas graves ainda se aplicam.

A OMS não recomenda medidas específicas para os viajantes. No caso de sintomas sugestivos de doença respiratória, durante ou após a viagem, os viajantes devem procurar atendimento médico e partilhar o seu historial de viagens com o seu médico.

A OMS desaconselha quaisquer restrições de viagem ou comércio na China, com base nas informações disponíveis.»

A 30.01.2020, apenas 25 dias depois, a COVID19 foi declarada Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional e a 11 de março de 2020 foi considerada uma pandemia. A 23.04.2020 já morreram mais de 183 mil pessoas.

**Médico consultor (graduado) em Saúde Pública e Delegado de Saúde*



João Gago da Câmara

Paralelo 38 Não bate a bota com a perdigota

“Deixem-se de romantismos revolucionários, de “abrilismos” exacerbados - em Portugal, passadas quatro décadas e meia após a revolução, já ninguém precisa de lições de democracia - e respeitem os mortos e as famílias destroçadas”

Discordo da comemoração do 25 de Abril na Assembleia da República imposta pelo Presidente da Assembleia da República e com as presenças óbvias do Presidente da República, Primeiro Ministro, governantes da República, deputados e convidados. Em coerência, deviam todos comemorar a efeméride das suas janelas, varandas e online, conjuntamente com os dez milhões de portugueses, que mais não fosse como forma de lhes dar o exemplo após os terem confinado, compulsivamente, e durante semanas a fio, às suas habitações, detendo ainda desobedientes.

O meu neto, de apenas oito anos de idade, telefonou-me um dia destes a dizer-me que estava tão entediado que dava por si a correr à volta do sofá. É que assim não bate a bota com a perdigota!

Deixem-se de romantismos revolucionários, de “abrilismos” exacerbados - em Portugal, passadas quatro décadas e meia após a revolução, já ninguém precisa de lições de democracia - e respeitem os mortos e as famílias destroçadas. Preocupem-se com a economia, quase em pantanas, e com a subsídioção às empresas empregadoras, sem as endividar com

falácias de linhas de crédito Covid-19. Os empresários não são em nada inferiores aos banqueiros, que receberam milhões “atirados de helicóptero” e que agora, injustamente, em voos a pique de abutres, se voltarão a encher com o financiamento da desgraça. Sosseguem nas poltronas e nos sofás e, em hora a combinar, ponham o cravo ao peito e cantem para a rua a “Grândola” e o “Depois do Adeus” com o povo todo. Deem o exemplo, esse sim cívico, aos portugueses. O povo comemora em casa e o povo, que se saiba, continua a ser quem mais ordena.